

A CODEPENDÊNCIA E GÊNERO; VIDAS REESCRITAS

André Luiz Ribeiro Justino
Pontifícia Católica de Goiás-PUC-GO

Resumo:

Este artigo tem como objeto de investigação a categoria gênero em um ambiente de codependência. Sendo estes locais propícios à recondução comportamental, e, se antes a ideia de gênero era dada por uma percepção externa, agora ela é engendrada por uma autossatisfação; nestes interstícios, a masculinidade é inquirida como construção subjetiva e não social. Ao desvelar-se a crise da masculinidade, percebe-se que ela não é tão atual, mas sim decorre há séculos, e, neste encaixo, o estudo proposto tem como referenciais estas salas de autorreflexão, este “entre lugares”.

Palavra-chave: D.A.S.A., Gênero, Masculinidade.

Abstract:

This article's research object is the concept of gender in a setting of codependence. Since those places are prone to behavioral renewal, and if formerly the idea of gender was given by external perception, now it is produced by self-satisfaction; in such interstices masculinity is inquired as subjective and non social construction. In unveiling the crisis in masculinity, we notice that it is not so new but it has been elapsing for centuries and, in its pursuit, the proposed study refers to those chambers for self-reflection, those “in-between places”.

Keywords: SLAA, gender, masculinity.

Contextualização do D.A.S.A.

Ao caminhar por um dos corredores localizados na Igreja Santa Cruz¹, direciono-me a uma sala com cadeiras dispostas em círculo, com a seguinte indicação: “O que se ouve aqui, fica aqui, o que se vê aqui, fica aqui e o que se fala aqui, fica aqui”. Poderia ser a reunião de algum grupo de anônimos destinada à recuperação de dependência química ou alcoólica, mas não é. O teor dos depoimentos é voltado para o “coquetel tóxico” do amor e do sexo, que age como uma doença, de forma progressiva, a qual não pode ser curada, mas, como outras enfermidades, pode ser detida ou freada.

¹ Localizada na quadra 905-sul, da Asa Sul de Brasília, uma sala é cedida para as reuniões que ocorrem nas terças-feiras e nos sábados

Assim é a Irmandade D.A.S.A.², que significa Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, de origem norteamericana, fundada com o nome S.L.A.A., *Sex and Love Addict Anonymous*. Tem como inspiração o A.A., Alcoólicos Anônimos, grupo surgido em 1935, em Akron, estado de Ohio, nos Estados Unidos. Após um encontro entre o corretor da Bolsa de Nova York, Bill Wilson, e o médico de Akron, Bob Smith, ambos constataram que, por alguma razão até ali não bem compreendida, conseguiam ficar sem beber durante certo período depois de passar algum tempo conversando e compartilhando seus problemas. Ao passar por uma verdadeira “experiência espiritual” e de experimentar “fortes sentimentos de triunfo, paz e serenidade”, segundo depoimento de Wilson, o corretor decidiu trabalhar para que outros alcoólicos se beneficiassem com a autodescoberta. Ao compartilhar sua experiência com outros dependentes, ele “sentia-se revitalizado” e conseguia manter-se sóbrio.

O cofundador do A.A., Bill Wilson, publicou, em 1939, uma peça literária preconizando as chamadas “Experiências Práticas” como denominador comum para a recuperação do alcoolismo, denominada “Os 12 Passos”. Consistindo em uma estratégia diária para a dignificação pessoal, o primeiro momento é a admissão de ser impotente perante a doença, isto é, o álcool, seguido do desejo profundo de parar, ou de, pelo menos, frear seus efeitos. Estes princípios adotados nasceram dos Grupos Oxford (uma irmandade religiosa dos Estados Unidos, que inspirou o A.A. inicialmente), compostos por valores universais, encontrados em todas as religiões e nas principais filosofias. A eficácia do programa formulado por Bill Wilson influenciou a criação de novos grupos de mútua ajuda, com os mesmos princípios, mas cada um voltado para dependências específicas, tais como: Narcóticos Anônimos, Comedores Compulsivos Anônimos, Neuróticos Anônimos, Jogadores Anônimos, Mulheres que Amam Demais etc. Assim é estabelecida uma compreensão recíproca, proporcionando a reconquista da dignidade pessoal de cada participante. No prefácio do material do D.A.S.A., encontra-se a seguinte explicação para a criação de outras irmandades especiais para cada dependência específica:

Dada a esfera de ação abrangente desses princípios, por que então existe a necessidade de irmandades especiais que se dirigem a desordens compulsivas específicas? A resposta parece ser de que, apesar dos princípios de recuperação codificados nos Doze Passos aplicarem-se além de seus limites, em um nível prático (e totalmente humano) adictos individuais tendem a pensar na dependência apenas em termos da

²Ao todo são 13 Irmandades D.A.S.A. espalhadas pelo país. A primeira sede foi fundada no Rio de Janeiro, em 06 de setembro de 1993.

indulgência que eles não conseguem governar. As preferências compulsivas de outros dependentes podem parecer surpreendentes ou ameaçadoras. O alcoólico, por exemplo, pode achar incompreensível a incapacidade de controle do comedor compulsivo, ou até mesmo engraçado; o jogador viciado que nunca sente desejo de beber em demasia porque o álcool o faz sentir-se mal não pode compreender o alcoólico que bebe até ficar doente, e depois recomeça (D.A.S.A., 2002, p. v).

Sentimento insaciável por sexo ou preocupação com fantasias românticas, uma ligação sentimental extrema com uma ou várias pessoas, ou até mesmo flertes “inocentes” podem ser compreendidos através dos jogos de conquistas amorosas ou sexuais, mas neste caso não são. Para o D.A.S.A. existe um padrão obsessivo/compulsivo, tanto nas relações afetivas ou nas atividades sexuais, que progressivamente atravessa e destrói todo o aspecto da vida, convertendo as diferenças e orientação sexual em algo secundário. Ao deixar de exercitar a autocomplacência para vivenciar uma satisfação mais abrangente, cujo retorno da sanidade é reconquistado através da família e do trabalho, neste estado de “sobriedade” a doença começa a ser rendida, quando o dependente se envolve com a programação dos “12 Passos”. Não existe uma regra determinada para atingir uma moderação de comportamento, como também não há um padrão de dependência de amor e sexo. Entretanto, é através da identificação comportamental feita por cada dependente, abstendo-se diariamente, que é alcançada a sobriedade. No início, fizeram com que Rich³ não percebesse o padrão de sua dependência de amor e sexo, ao entrar no A.A., em janeiro de 1971, com 24 anos. O comportamento de autoindulgência fizera com que Rich tivesse vários casos extraconjugais, “sexo sem culpa” e “sem compromisso”, criando um paradoxo ao se punir por conta de seu relacionamento: “Se o que você quer é ter sexo por aí, então por que não rompe com Lenore e mergulha nisso logo de uma vez? Ou se realmente quer ficar com Lenore, por que não para de ter relações e flertar?” (D.A.S.A., 2002, p. 05). Os alívios das tensões, antes derivados de encantamentos e conquistas, passaram a ser associados com o álcool, substituto do sexo, para desinibir vontades:

Naquela ocasião, o padrão de minha dependência de sexo e “amor” já estava definido há vários anos. Apenas os atores haviam mudado. Naturalmente fui incapaz de perceber isso. Para mim, cada nova caçada continha a promessa de renovadas intrigas. Achei que estava vivendo a vida

³ Rich é o nome do fundador do SLAA, *Sex and Love Addicts Anonymous*, que escreverá os textos básicos do D.A.S.A.

que os outros secretamente invejavam. “Eles são covardes”, pensava, “assustados demais para arriscar a chance de viver”. A possibilidade de que nenhuma felicidade durável ou realização pudesse provir de viver este padrão sem significado e sem sentido não me ocorria absolutamente. De fato a promessa de que a “próxima” seria a situação que me tornaria inteiro, ou me completaria de alguma maneira, era como uma cenoura sempre balançando em frente ao meu nariz, arrastando-me para frente (D.A.S.A., 2002, p. 08).

Naquela ocasião, Rich optou pela sobriedade através da programação dos “12 Passos” dos Alcoólicos Anônimos, seguindo uma base diária de compromissos com esta Irmandade, para reconstituir sua dignidade pessoal. Para ele foi possível conceber o seu “fundo do poço”⁴, não através da abstinência do uso do álcool, mas pela privação de amor e sexo. Ao experimentar pela primeira vez sentimentos de continência sentimental e sexual, ele percebeu que o abraço e o beijo eram formas sutis de camuflar a tensão nascente entre a dependência e a autonomia pessoal, alimentadas pelas fantasias amorosas e sexuais. O percurso de investigar cada ato e gesto, ao evitar tais recaídas, emergira de uma noção, como pessoa e como doente. Ao descrever um quadro de abstinência, o qual é configurado por comparação, Rich coloca em bases patológicas a invasão do organismo. O sistema imunológico é fortalecido, ao passo que, ao abster-se de tais sensações e sentimentos nocivos, o dependente se torna mais consciente de si, gerando uma maior segurança de seus atos e sensações. Ao praticar a programação, estaria fortalecendo a sua autonomia e portanto o seu sistema imunológico, e neste sentido favoreceria uma autocompreensão, afirmando para si sua decisão de continuar a se recuperar. Percebendo o teor de sua dependência, Rich fora nas reuniões de A.A., nas quais comentou sobre o teor de sua doença:

Contei minha história sobre como ficara sóbrio em A.A, e mencionei que minha natureza aditiva não havia simplesmente cessado quando parei de beber. Tristemente, a obsessão e a compulsão tinham continuado, embora em outras áreas. A sobriedade com o abuso de álcool trouxe-me, sem dúvida, muitas bênçãos, mas era incompleta em si mesma. Contei em detalhes minhas experiências com obsessão, compulsão, perda de controle

⁴ Momento descrito, metaforicamente, de um “*déclat*”, isto é, da tomada de consciência das “perdas” acumuladas durante o tempo de dependência de amor e sexo. Esta situação exemplifica a vivência de Rich, mas também é utilizada pelos Alcoólatras Anônimos, para elucidar suas perdas durante o tempo do contato com a bebida alcoólica, dando conta de que o alcoólatra é “incapaz de parar de beber, sendo, portanto, um “dependente da bebida alcoólica”.

e progressão (tal como as identificava agora) na área de sexo e “amor”. Referi-me abertamente a essa condição como “dependência de amor e sexo”, porque a ligação entre essas experiências e as alcoólicas estavam claras para mim agora. Falei da agonia da abstenção, mas mencionei a esperança de encontrar novo sentido e identificação que haviam me ajudado a vencer esse período.

...

...Almocei com Jim nesse dia, e ia justamente falar a respeito disso quando ele virou-se para mim de repente e disse: “Ei, Rich, que tal começamos um grupo nosso?”(Grifo do autor) (D.A.S.A.,2002, p.28).

No dia 30 de dezembro de 1976, acontece a primeira reunião do grupo, no estado de Cambridge, nos Estados Unidos, com quatro pessoas, das quais dois homens e duas mulheres. As reuniões dos seus antigos grupos, A.A., através da vivência descrita como “efeito espelho”, isto é, a identificação com as histórias e experiências de outros membros que estão na mesma situação, foram inspiração para novas possibilidades de vivência e sanidade emocional. Considerados antes como párias sociais, fracos e pervertidos, encontram-se, agora, com pessoas que compartilham a mesma incapacidade de vivenciar afeto e sexualidade. Aos companheiros cabe a reformulação de seus valores para um novo começo, possibilitando o reinício de uma nova jornada.

Nasce o D.A.S.A., em 14 de janeiro de 1984, adequando leituras dos A.A, além dos “12 Passos” e das “12 Tradições”. Houve a substituição de termos e adequação de teor na feitura de seu aporte literário, principalmente do “Passo 12”. Nos Alcoólicos⁵ “atividades” denotam ação restritiva. Para o D.A.S.A., por exemplo, a palavra “área” transmite uma noção mais ampla, abarcando nisto toda a vida. A aplicação dos “12 Passos” do A.A. em versão voltada para o D.A.S.A. o favorece a reconstituição dos laços familiares, afetivos e profissionais.

O exercício diário da sobriedade seria o controle da “prática”, descrito por comportamentos dependentes básicos, sendo caracterizado da seguinte maneira: promiscuidade envolvendo vários (as) parceiros (as), atos solitários como masturbação compulsiva, *voyerismo*, exibicionismo, ou a entrega em fantasias amorosas. Diferindo entre dependentes, estes atos são também associados a recaídas, o não praticar é o cunho encontrado através da ajuda e vivência em D.A.S.A.; a submissão de seus membros está ligada aos princípios do desejo de recuperação. O desejo de não praticar é assumido pela submissão e impotência perante a doença, cujo esforço de parar é encontrado na

⁵ Passo 12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades (grifo do autor).

vivência perante o grupo. A iniciação é marcada pela abstinência de comportamentos antigos, o laço de solidariedade partilhado, com uma ou mais pessoas que visam o mesmo propósito. As “Tradições”, neste sentido, seriam o guia para fundação e convívio entre seus participantes:

“...Dentro do espírito desta Tradição, uma vez que você tenha encontrado um propósito vivo e real que é o de iniciar a abstinência e de encontrar-se informalmente com pessoas com o mesmo propósito, você realmente tem um grupo do D.A.S.A. formado (desde que, enquanto grupo, nenhuma outra filiação exista). (D.A.S.A., p.125, 2002).

Os princípios objetivam a saúde do grupo, como sua existência, e o propósito de manter a união interna de seus participantes. As Tradições foram também inspiradas pelo A.A., através da consciência de grupo e principalmente de salvaguardar a integridade individual dos seus membros, tendo sido publicadas pela primeira vez por esta Irmandade nos anos de 1930 e 1940. Já no Brasil, havia a necessidade desse material dentro da proposta e vivência de D.A.S.A.. Em 1999, foi adaptado à programação das Tradições da Irmandade Neurótico Anônimos e complementado depois pelo livro dos Alcoólicos Anônimos, ficando pronto no mesmo ano⁶. O desenrolar dos princípios tem em sua base a materialidade religiosa para superação, resumida assim:

“Na verdade, era a nossa experiência inicial como Irmandade, somados os exemplos retirados do histórico do A.A. que continuava a nos convencer de que, um a um, todos aqueles princípios eram necessários. Às vezes, de forma acalorada, discutíamos cada um deles, modificando-os quando necessário para ajustá-los às necessidades de nossa Irmandade (D.A.S.A., p.126, 2002).

Mas a recuperação faz parte do processo de autoconhecimento, a primeira palavra a ser pronunciada é o “eu”, identificando quem fala com a voz amparada. Nas sociedades tradicionais, os limites eram a percepção do outro, o indivíduo negado submetendo-se ao coletivo. Com isso, o convívio relacional não era cindido entre pessoa e corpo, e sim, compreendido em sua totalidade, noção que gravitava, integrando e abraçando tanto o cosmo (espírito) quanto a natureza (corpo) assim como ligando-o ao seio do grupo. Este sentido de coletividade e pertencimento era representado dentro desta vivência. Ao contrário de nossa sociedade ocidental moderna, o corpo é marco, tanto

⁶ Estas informações foram tiradas do material, “As 12 Tradições”, de distribuição das reuniões de D.A.S.A..

físico quanto geográfico. Indivíduo e individualidade são sitiados pela matéria, tornando-se local de soberania. Separado e isolado, do corpo, o homem se torna um artefato de investimento pessoal.

A masculinidade e os “*interstícios*”

As décadas de 60 e 70 foram momentos efervescentes. É neste interstício que os estudos sobre as mulheres ganharam destaque, despertando o interesse de alguns homens em participar de tais reflexões e discussões sobre a condição feminina. Essa aproximação não era percebida de forma positiva pelas feministas, já que o modelo a ser combatido era o da família patriarcal, em que o “mal” era configurado e encarnado pelo “Homem”. Tal associação criava uma dicotomia, ou seja, as análises daquele período eram relacionadas entre masculino e feminino, orquestrando um roteiro social, no qual uma hierarquia do pensamento ocidental era organizada. O estudo promoveu um esmiuçar sobre tais pensamentos, em que o “Homem com -H- maiúsculo”⁷ passa a ser objeto, colocado à mesa, e começa a ser dissecado, revelando um modelo perverso:

(...) os homens foram inseridos como objeto nos estudos segundo este modelo, frequentemente referido como “patriarcal”: racional, ativo no público, na produção da ciência e da cultura, provedor, sexualmente “irresponsável”, poderoso, universalizado na sua dominação, homem com “H” maiúsculo. O outro lado desta moeda é a mulher: emotiva, voltada ao mundo privado da reprodução dos filhos, cuidando das relações de afeto, sexualmente passiva, dependente, obediente, universalizada na sua opressão (GIFFIN, 2005, p. 48).

As confrontações do campo público e doméstico tendiam para o Homem. Em uma sociedade individualizada, monetarizada e competitiva, este modelo vigente é interpelado. É importante lembrar que a contestação desses valores ganhava impulso com a juventude que cresceu na abundância material das décadas de 1950 e 1960, compreendidos pela figura de “jovens de calça jeans” e “rebeldes sem causa”, inquietos e insatisfeitos pelo autoritarismo e rigidez de seus pais, tanto em casa quanto pelos cargos que ocupavam. A juventude tendia a questionar essa masculinidade, mesmo sendo agraciada por um momento econômico favorável, diferente das intempéries vividas

⁷ Ao chamar a atenção da escrita do Homem com “H” maiúsculo pretendemos acentuar a universalização não apenas masculina, mas também da humanidade. Ao corroborar para um sentido a-histórico do qual os comportamentos são dados, criações naturais e não construções sociais e culturais.

pelas gerações passadas. Assim, na década de 1950, a juventude teceu os anos sessenta, com o movimento das feministas de classe média, que fizera eclodir, no movimento de “contracultura”, a desestabilização deste modelo. Ao identificar nesta sociedade o aparato industrial militarizado, assim como crescente individualismo e consumismo, este modelo denunciava a hegemonia masculina branca de classe média. A sociedade heterossexual seria, assim, seu catalisador repressivo;

Um cartaz da Sorbonne proclama: “A revolução que vai colocar em dúvida não só a sociedade capitalista, mas também a sociedade industrial. A sociedade de consumo deve morrer uma morte violenta. A sociedade alienada deve desaparecer da história. Estamos inventando um mundo novo e original. A imaginação tomou o poder.” (FUENTES, 2008, p.38).

Força motriz das instabilidades, a dúvida, gerada sobre o modelo masculino, é encontrada nos cabelos compridos, pulseiras e ornamentos, no deslumbre das roupas coloridas e nas calças justas. O movimento *hippie* priorizou a delicadeza em vez da força, o diálogo como forma de conduta no local da imposição, como observou o psicanalista Sócrates Nolasco (1995). A imaginação e vontade são tecidas confundindo as linhas estabelecidas como barreiras através do sexo, homem/mulher. O feminismo, como referência reflexiva, faz pulsar as inquietações e angústias masculinas, juntamente com movimentos de escolha sexual e discriminação racial, *gays* e negros, ocupando locais, como estratégia de visibilidade política, já que eram os Homens que os ocupavam e os detinham, de forma “natural”. Mas um elemento era comum entre estes grupos: a identificação do “repressor”, o Homem. Contudo, é nos estudos apontados em 1950 que a masculinidade começa a ser colocada em questão, antes mesmo do ressurgimento feminista sobre a ausência dos pais nos lares e o aumento da delinquência dos filhos. Mas é nos estudos *gays*, em pleno vapor, que surge, de fato, a categoria da “hegemonia masculina”:

Nos anos 70, com o movimento feminista e os estudos de mulheres prosseguindo a todo vapor, e com homens do movimento e dos estudos *gays* insistindo que os homens heterossexuais eram todos candidatos à liberação, a hegemonia das ideologias binárias/da dominação masculina se viu sob séria contestação (GIFFIN, 2005, p. 49).

Mas é a partir de 1970 que os historiadores vieram a sofrer uma forte influência em seu campo de pesquisa, ao constatar que determinadas categorias dadas como naturais ou a-históricas, a

exemplo do corpo, eram produzidas dentro da experiência diária, utensílio da prática e produção cultural, constituindo-se dessa maneira, em cada época, como móveis e históricas. As obras do filósofo francês Michel Foucault trouxeram movimento à história. Essa movimentação viabilizou a historicidade de categorias antes concebidas como transcendentais e de experiências universais, como o Estado, o corpo, a sociedade, o sexo, a alma e a economia não são objetos estáveis, são discursos, postulados que fazem parte de objetos discursivos, sendo eles mesmos práticas e produções culturais. Assim, tais categorias são historicamente fundamentadas. É nesse ínterim que a masculinidade passa a ser percebida através de um artefato, sem negar sua dominação social, e assumindo tais responsabilidades, grupos de homens e gays começaram a afirmar que as centralizações de tais poderes passavam pelo viés da heterossexualidade. Essa atribuição trazia luz à pesquisa sobre a homossexualidade, mostrando que a ideia de um modelo binário é recente em nossa sociedade ocidental moderna, surgindo no século XVII e XVIII, vertendo para uma incitação constante e crescente sobre a nossa sexualidade. O século XVIII terá no sexo e na sociedade burguesa a ancoragem para nossa identidade: “Entre cada um de nós e nosso sexo, o Ocidente lançou uma incessante demanda de verdade.” (FOUCAULT, 2006, p.87).

Os estudos apontavam para o aparecimento discursivo da sexualidade, no século XVIII, concluindo que prática e gênero tinham surgimentos separados, considerando-se a masculinidade e a feminilidade. A sociedade burguesa nascente trazia para bailar o seu outro, isto é, a homossexualidade. Em sua primeira obra sobre a história da sexualidade, *A vontade de saber*, de 1976, Foucault data o nascimento da homossexualidade, dizendo:

É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias”, pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma.”(FOUCAULT, 2006, p. 50-51).

Com isto, uma identidade sexual seria construída, o sexo anatômico seria o cabide da heterossexualidade e a hegemonia, a dobradiça entre sexo e sexualidade. O sexo é o ponto a pensar a sexualidade, por dispositivos complexos e dotados de inteligência, explicação que seria povoada por

regras; a *imanência* atribuirá um domínio de conhecimento, transformando-se em um possível objeto de saber. As *variações contínuas* teceriam uma teia, uma implicação em si mesmas; A sexualidade infantil, por exemplo, foi problematizada a partir das relações entre o médico e os pais; a relação entre o psiquiatra e a criança irá problematizar a sexualidade adulta. A *tática dos discursos*, à época *Vitoriana*, excitaria o sexo a falar: “Os discursos sobre o sexo não são a mera projeção dos mecanismos de poder. Saber e poder se articulam mutuamente. Por isso, a função tática do discurso não é nem uniforme nem estável.” (CASTRO, 2009, p.400)

Gênero, entendido como categoria relacional, passa a se tornar uma categoria hierárquica de ordem social burguesa. Ao pensar nesses aspectos, será compreendido como uma instância disciplinar de importância do sistema capitalista. Foucault (2006) percebe que a homossexualidade fala no século XIX, buscando sua naturalidade, diferentemente da cultura grega clássica, em que a linha divisória não era a homossexualidade ou a heterossexualidade, mas uma atitude de prazeres. Esses pontos são trabalhados no seu segundo volume da história da sexualidade, *O uso dos prazeres*, de 1984. Uma moral viril seria a fronteira, caracterizando o afeminado por uma preguiça e uma indolência, sendo essa uma experiência da Grécia clássica:

Aí está, sem dúvida, um dos pontos mais notáveis dessa reflexão moral: ela não tenta definir um campo de conduta e um domínio de regras válidas - segundo as modulações necessárias - para os dois sexos; ela é uma elaboração da conduta masculina feita do ponto de vista dos homens e para dar forma à sua conduta. (FOUCAULT, 2006, p.24)

O posicionamento do psicanalista Sócrates Nolasco (1995), neste aspecto, traz a denúncia de uma virilidade opressora, que começa a ser questionada pelos estudos da masculinidade, nos “Grupos de Homens”, formados nos Estados Unidos, na década de 1970, na qual a masculinidade passava a subordinar o homem, definindo-o com “H” maiúsculo e a sujeitar aqueles que eram vistos como opressores. Ao constituir a masculinidade como um campo de pesquisa, alguns homens se aproximaram dos estudos femininos e *gays*, contribuições que descortinaram as sensações antes vistas como atributos sexuais. Emoções e sentimentos começaram a ter um desbotar azul. No destronar da virilidade, o naturalizado passa a ser artefato, construído historicamente. Mas diferentemente dos movimentos feministas, *gays* e negros, os “Grupos de Homens” não tinham a pretensão de tomada de lugares, mas de denunciar uma opressão silenciosa, uma relação de tensão entre homem e Homem, indivíduo e universal, entre ser macho e ser masculino;

Estes movimentos têm características e dinâmicas próprias, seria um equívoco igualá-los, se o que eles buscam é uma diferenciação, pelo menos em tese, dos modelos sociais autoritários. (NOLASCO, 1995, p.20-21)

Para a psicanalista Elisabeth Badinter (1993), a masculinidade sofre perdas ao passar por grandes perturbações, sejam elas crises econômicas ou sociais, tanto na Europa como nos Estados Unidos, na virada do século XIX para o século XX. As fronteiras de diferenciação entre os sexos começam a se movimentar pela decorrência de novas exigências da industrialização e da democracia, provenientes de uma mentalidade nascente, “No espaço de algumas gerações, 1871-1914, surge um novo tipo de mulher, ameaçando as fronteiras sexuais impostas.” (BADINTER, 1993, p.15). Este melindre é acompanhado pelo crescente aumento das mulheres nas salas de aulas. As profissões, como professoras, médicas, advogadas e jornalistas, fazem com que reivindicações salariais sejam discutidas pela primeira vez. Mas, diferentemente da segunda onda feminista da década de 1960, a família e a maternidade não eram rejeitadas. A angústia masculina passa então a ter outro viés, já que as mulheres saíam a trabalho cada vez mais. A mecânica rotineira e repetitiva e a repartição administrativa da vida cotidiana não serviam mais como refúgio tradicional para a masculinidade, já que esse espaço começa a ser dividido com elas. A Grande Guerra iria interromper esta angústia nascente. Segundo Badinter (1996), o *front* devolvera e reorientara o papel da masculinidade;

Reencontrando seu papel tradicional de guerreiros, esses pobres jovens recrutados partirão para o *front* com uma flor no fuzil, como se regozijassem com a oportunidade que lhes é finalmente dada de serem homens de verdade...(BADINTER, 1996, p.17).

Diferentemente da França, os Estados Unidos têm sua crise situada nas décadas de 1880 e 1890, pelo medo de uma europeização, traduzida em afeminação cultural. A resposta a este medo veio através da domesticação da natureza ocorrida no século XIX, com a expansão territorial, a conquista do Oeste, e a “pacificação” dos povos indígenas, associada com o crescimento urbano. Diferentemente do que ocorreu na França, as mulheres norteamericanas fundaram clubes femininos, declarações acompanharam o direito civil de permanecerem solteiras ou de se casarem. Para os americanos, o medo de uma feminização era corrente; cartilhas escritas alertavam os pais sobre a educação dos filhos, exortando-os a não criá-los com mimos e exaltando a separação entre os sexos. Em 1909, esportes coletivos passam a ter destaque nacional, a caracterizar a educação de meninos, tanto o futebol quanto o beisebol; o campo é o local da supremacia masculina. “Com o mesmo

objetivo, adota-se a instituição do escotismo, que tem como objetivos “salvar os meninos da podridão da civilização urbana” e formar crianças másculas, homens viris.” (BADINTER, 1996, p.21)

Esse vasculhar o armário, ou a ação erosiva do passado, está no exercício da produção historiográfica, negada e considerada como insignificante. Pequenas invisibilidades passam a ter nesse território sua bandeira fincada. Amor, solidão, ódio, sexo e paixão não são estanques e, sim, referências comportamentais, “buracos na rede” tecidos para pescar “homens” e “mulheres”. As propostas do tecer hoje tem no acontecer o seu objeto. As compreensões masculinas “ainda hoje estão calcadas na construção *cartesiana*” (NOLASCO, 1993, p.33). A virilidade é inserida em um contexto filosófico moderno, ratificando uma divisão binária, homem/mulher, em um contexto em que a própria História é percebida como repressora, já que é neste momento que as “identidades” são revisitadas, no confronto de sua produção por diferença, funcionando não como dados naturais ou de criação divina, mas criadas por interesses e forças sociais e culturais. Nesse deslocar percebe-se a força exercida por uma dominação, aferida pelo conhecimento da negação ou falta, uma posição de poder e hierarquia sobre um determinado saber. Ocorrendo uma intervenção nos processos de normalidade, a perspectiva feminista deu luz aos estudos da subjetividade, trazendo em si os estudos, não do Homem e, sim, de alguns homens, formando novas fronteiras de significados para as identidades masculinas. Neste intervalo, a produção de saberes é deslocada; a colônia, além de fascinar, tem suas inquietações, problematizando os saberes da metrópole: “Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição.” (BHABHA, 2007, p.21). Mesmo renovando sua atuação masculina, ainda prevalece a ideia central de uma experiência universal. A imagem de homens como repressores e mulheres como oprimidas favorece a descrição de uma guerra dos homens contra as mulheres.

A chamada “crise da masculinidade” tem no seu bojo o momento atual de transição, que referenda questões sobre a construção do modelo masculino. Essa busca por valores singulares, antes vistos como qualidades, passa a nos incomodar, como observa o psicanalista Hamawi (1995), sufocando a constante necessidade de superação. Se em todo comportamento não pode haver vacilação perante o olhar do outro, sempre convocado a demonstrar força e destreza, a virilidade passa a ser um artefato a ser contemplado;

As coincidências iniciais giram em torno de temas que nos incomodam no modelo vigente: a necessidade de nos mostrarmos sempre fortes e capazes; de limitarmos a expressão de nossos sentimentos; de vivermos quase que exclusivamente em campos competitivos; de funcionarmos como servidores da mulher; de sermos permanentemente provedores. De nos ocuparmos

apenas de “coisas sérias”, como trabalho, política etc.; e de perdemos o contato sensível com o que nos rodeia, filhos, amigos, natureza, estando proibidas entre os homens expressões tais como “fracassei”, “não sei”, “me equivoquei”, “não posso”. A lista de tais incômodos poderia se alongar bastante. (HAMAWI, 1995, p.9).

Ao compartilhar tais sentimentos, a solidão começa a se desfazer, e a sensação de que “tem algo de errado comigo” dá lugar a “não ocorre só comigo”. Nesse aspecto, os grupos masculinos possibilitam apoio para novas elaborações de comportamento. No Quarto Passo, o lema consistia em lidar com emoções passadas, que só poderiam ser atingidas pelo “inventário moral”, que escondia uma “criança solitária e assustada”.

Ao avançar esse levantamento sobre o passado, uma “força” externa iria auxiliar nessa caminhada e o sentimento de solidão começa a ser modificado, pois o “Poder Superior” é concebido por cada um à sua forma e à sua própria maneira. Essa couraça velha começa ao ser desfeita, a ser confrontada com novas informações. A modernidade que Giddens(1993) sugere, traz para nós elementos contributivos lançados para a interrupção de antigos modelos masculinos. O “garanhão” assim como o “sedutor” são traços dessa velha maneira arcaica de se relacionar. O “desafio” era a relação de poder, que além de querer seduzir e conquistar tinha em sua ordem interna o “combate” com “pater”, demonstração desta forma de força.

Esta autoreflexão sobre o gênero permite também enriquecer os estudos, que tentam vincular certa normalidade sobre o modo de pensar de homens e de mulheres. Ao lançar a política de espaço indeterminado, produzem-se e fundam-se identidades e o deslocamento de campos estabilizados para a instabilidade. Sendo o campo de atuação da política (Butler, 2008), a estabilidade permite a criação de seres universais. Além dessa perspectiva, olhares são lançados para campos instáveis de produção de subjetivação. Com isso, os grupos anônimos, colocam o olhar social em xeque, ao exigir uma coerência de gênero, em que sexo anatômico, identidade, desejo e prática sejam aferidos no cotidiano, em que desejo e prática sexual oscilem, escapando à inteligibilidade.

Referência Bibliográfica:

BADINTER. E. **XY sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1993.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila. 4ªed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008.

CARLOS, Fuentes. **Em 68: Paris, Praga e México**. Tradução de Ebréia de Carlos Alves. 1ªed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2008.

DASA – **Dependentes de Amor e Sexo Anônimos**. Apostila do grupo DASA. S.d.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol.1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da C. Albuquerque. 17ªed. Rio de Janeiro. Ed. Graal. 1988.

GIFFIN, Karen. **A inserção dos homens nos estudos de gênero: Contribuições de um sujeito histórico**. Revista Núcleo de gênero e saúde, Rio de Janeiro. Fiocruz, 2005.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1993.

Anais do IV SRH